

# A bala rasante de Trump – Por Jorge Santos

written by Alberto Jorge Santos | 15 de Julho, 2024



Qualquer democrata tem de condenar vivamente o atentado de que foi alvo Donald Trump. A política faz-se com palavras, discussão, oposição, contraditório, cedências e tolerância. Nunca com violência. Seja de que tipo for.

Esta tentativa de assassinato vem engrossar a longa lista de candidatos ou presidentes americanos que passaram pelo mesmo. Alguns, mais do que uma vez. Muitos, como Trump, escaparam. Outros, foram mesmo abatidos. A primeira vez que aconteceu foi em 1835 e o alvo, Andrew Jackson, o 7º presidente dos Estados Unidos. Depois, um rol de casos: Lincoln (1865); Garfield (1881); Mckinley (1901); Roosevelt(1933); Truman (1950); Kennedy – John e Robert – (1963); Nixon ( 1974); Ford (1975); Reagan (1981. E não podemos esquecer os defensores dos direitos humanos Malcolm X (1965) e Luther King (1968).

Este historial de violência – e só estamos a falar de políticos e ativistas sociais – demonstra que os Estados Unidos da América podem ser tudo, menos um país pacífico. Quando Biden vem a terreiro dizer que *“não há lugar na América para este tipo de violência, para qualquer tipo de violência, nunca, ponto final, sem exceções. Não podemos permitir que esta violência seja normalizada.”*, faz tábua rasa de um ambiente violento, em que as armas sempre foram adquiridas pela população com toda a facilidade.

Provavelmente, se fosse complicado comprar uma arma, como são uma série de procedimentos administrativos, burocráticos e sociais no velho país do “sonho”, alguma, grande parte, da violência contra pessoas não aconteceria. Curiosamente, as alterações feitas pelos políticos nunca acabaram com a freima dos americanos em possuírem armas. E a indústria do armamento jamais deixaria que acontecesse...

Se assim foi ao longo da história, hoje, com uma onda de violência social, ódios exacerbados, fabricados pelos políticos, amplificados nos Media e com o extremar de posições político-partidárias, nada surpreende o aumento dos tiroteios na América e o avanço, a todo o vapor, para o resto do mundo.

A propósito de extremos políticos e, se calhar, as gerações mais novas desconhecem, até cerca dos anos 1990, pouco se falava da extrema-direita (radicais e terroristas, estes, sempre os houve e nada têm a ver com política); a extrema-esquerda, marxista, leninista, maoísta, “lutava” por uma sociedade sem classes, pelo fim do capitalismo e pela instauração, através de revolução, da ditadura do proletariado. Obviamente, nunca o conseguiu. Os povos rejeitaram tal coisa, deram forte sinal em eleições livres e esses movimentos foram desaparecendo.

A extrema-direita é a protagonista atual. Força o regresso a um passado nebuloso, é intolerante, propõe medidas anacrónicas que não cabem nas sociedades desenvolvidas. Mas o povo parece apoiar. E utiliza como voto de protesto em diversas ocasiões.

Esta extrema-direita contrapõe aos ideais da nova extrema - esquerda. Já não é ideológica, esqueceu Marx, Lenine, Estaline ou Mao, não pretende a instauração da ditadura do proletariado, mas outra, a do “wokismo” que deveria ser uma sensibilização para problemas de discriminação e nunca um menu de exigências que, em vez de incluir, excluem, exigem, punem. E torna a sociedade mais violenta.

No meio de tudo isto, onde estão os movimentos tolerantes, da social-democracia, democracia-cristã, socialismo democrático? Foram tomados pelos extremos. E o futuro afigura-se perigoso. Muito perigoso.

Voltando a Trump, no momento em que vi as imagens da bala rasarem a orelha e a deixá-la ensanguentada, disse para quem estava ao meu lado – *“Trump vai ganhar as eleições!.”*

Embora sabendo que o “trumpismo” não domina, nem metade, do partido republicano, o gosto dos americanos pelos mitos, pelos “mártires” e pelos heróis ( mesmo de barro) pode ter sido aguçado pelo movimento errático daquela bala.